

RELAÇÕES ENTRE MULHERES NA PROSTITUIÇÃO

Michelle Alcântara Camargo¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar os resultados da pesquisa que realizada primeiramente em nível de Iniciação Científica, na área de história e posteriormente em Monografia de graduação, na área de antropologia. No artigo analiso os depoimentos das prostitutas do baixo meretrício no município de Maringá-PR, com vistas a captar em suas narrativas, aquilo que elas constituem como representações sobre si construídas através da sexualidade, o que possibilitou conhecer as práticas sexuais no universo da prostituição. Dentre os resultados obtidos, o estudo indicou a existência de práticas homoeróticas entre prostitutas e clientes mulheres, aspecto pouco abordado nas pesquisas sobre o assunto.

PALAVRAS-CHAVE: Prostituição, sexualidade, lesbianismo, identidade sexual.

ABSTRACT:

In the article I analyze the statement of the under prostitutes in the city of Maringá-PR, grasping in their statements what those prostitutes considere as representation of themselves built through sexuality , that showed the sexual practice in the prostitution universe. In the results the research showed the existence homoerotic practice between prostitutes and woman client, aspect not much to deal with research about the subject.

KEYWORDS: prostitution, sexuality, prostitute, sexual identity.

A PROSTITUIÇÃO E A ALTERIDADE.

Esta pesquisa propôs-se a adentrar o universo da prostituição do baixo meretrício da cidade de Maringá, com vistas a captar a maneira pela qual as prostitutas criam significados para a sexualidade e detectar os modos pelos quais elas constróem suas identidades como garotas de programa. Nosso trabalho foi realizado por intermédio de entrevistas com as prostitutas do centro da cidade de Maringá. Portanto, trata-se de um estudo que se pautou pela coleta de depoimentos dos próprios sujeitos, lançando luz sobre questões pouco estudadas e que dizem respeito à sexualidade e identidade sexual das prostitutas.

Em relação ao campo de estudos sobre a prostituição, este é considerável e está em aberto. Na literatura existente sobre o assunto observam-se algumas tendências.

Magali Engel em *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro* (1989) examinou problemáticas relacionadas à construção do discurso médico sobre a prostituta e o fenômeno da prostituição na cidade do Rio de Janeiro, entre 1840 e 1890, revelando a construção do saber médico que se efetiva no país naquele período. O estudo de Margareth Rago em *Prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo* (1991) teve por objetivo examinar a prostituição na cidade de São Paulo entre final do século XIX e início do XX, com vistas a indicar os modos pelos quais os discursos médicos, jurídicos, literários e jornalísticos foram orquestrados e contribuíram na criação de imagens e representações acerca do universo sobre a prostituição. Pode-se afirmar que os estudos de Engel (1989) e Rago (1991),

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá

constituem abordagens historiográficas importantes nos estudos sobre a prostituição nas cidades brasileiras, inspirando assim os trabalhos que a eles se seguiram.

Ivana Guilherme Símbili em *Memória da prostituição: lembranças da Casa da Antonieta* (1995), buscou conhecer e examinar a prostituição na cidade de Assis- SP, depositando seu olhar sobre o universo de uma casa de prostituição - Antonieta, que existiu entre final da década de 1940 até 1978, quando morreu sua proprietária. Recorrendo a documentos judiciais, relatos orais e um diário íntimo, a autora procurou reconstruir, por intermédio das lembranças, consideradas vestígios do passado, as experiências das prostitutas e compor o quadro da Casa, que na memória social é recordada como um dos mais importantes bordéis no interior paulista.

Análises sobre a prostituição também vêm sendo feitas sob a perspectiva da ocupação e movimento das prostitutas nas ruas e praças. Nesse sentido destacamos o trabalho de Mariana Caldeira Brandt Almeida e Frederico Daher, *As características da prostituição feminina na Rua Augusta* (2003) que examinaram as peculiaridades da prostituição em São Paulo procurando revelar as implicações do fenômeno para o turismo. Silvia Barbosa de Carvalho em *As virtudes do pecado: narrativas de mulheres a “fazer a vida” no centro da cidade* (2000) propôs um diálogo com as garotas de programa da Praça Tiradentes, área central da cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de conhecer seus pontos de vista sobre a vida e viver, relações entre espaço e sujeito.

Novas metodologias para captar o universo das prostitutas também estão presentes em *Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*, de Aparecida Fonseca Moraes (1995), que buscou conhecer as histórias de vida das mulheres, seu trabalho, sexualidade e formas de organização das prostitutas.

A presente pesquisa sobre as prostitutas da cidade de Maringá insere-se no campo de estudos sobre as formas de prostituição nas cidades brasileiras, acompanhando a tendência nos trabalhos sobre o fenômeno, que é o de conhecê-lo através das protagonistas, dos sujeitos que vivenciam a experiência visando compreender a construção da identidade como prostituta.

A denominação de prostituta ou garota de programa e não de profissional do sexo, ocorre devido as implicações de seu significado, pois:

Dizer que a prostituição é um trabalho e ainda, voluntário, é no mínimo, um insulto às mulheres, é um insulto ao trabalho, é o menosprezo total das condições que levaram tais mulheres a se submeter e mesmo defender a “profissão” que exercem. O que poderia levar uma criança, uma adolescente, uma mulher à este aviltamento senão a força, o poder, o estupro, a violência social que aceita a figura do “cliente” como seqüência de corpos profanados, assujeitados, escravizados?[...] Estariam todas estas mulheres e meninas nos bordéis e nas ruas por sua livre vontade, presas de sua “natureza” perversa? (SWAIN, 2005)

Como este texto não tem como objetivo discutir a profissionalização da prostituição, mas apenas sugerir sua reflexão, retomo o balanço bibliográfico da prostituição. No livro *Garotas de Programa*, Maria Dulce Gaspar (1985) examina o que chama de “média prostituição” e enfatiza a existência de diferenças entre as escalas desta atividade. A “alta prostituição” é mais uma forma de ganhar a vida nos grandes centros urbanos. O preço estabelecido por elas geralmente só é acessível a pessoas de alto poder aquisitivo. A ida da prostituta ao local indicado pelo cliente é característica deste tipo de prostituição.

A “média prostituição”, analisada por Gaspar, seria aquela praticada em boates e casas de massagem espalhadas por toda a cidade. Suas praticantes, como regra geral, cuidam e investem na aparência e não estão “expostas” nas ruas. Portanto, segundo sua própria concepção, correm riscos menores que as praticantes da baixa prostituição. Um ponto considerado importante para a opção destas mulheres pelo trabalho em boates e casas de massagem, seria justamente maior segurança, ainda que relativa. O preço do programa nestes lugares costuma variar de acordo com o bairro. Nas casas de massagem o preço é único para todas as garotas e costuma ser cobrado de acordo com o tempo que o cliente pretende ficar com a garota. Já as prostitutas que freqüentam as boates estabelecem seu próprio preço, e não costumam ter um vínculo muito grande com os donos ou gerentes destes estabelecimentos.

No quadro do meio urbano do Rio de Janeiro, Gaspar identifica como praticantes da “baixa prostituição” mulheres de diversas idades que negociam o corpo nas ruas, em regiões como a Quinta da Boa Vista, Central do Brasil, e na Vila Mimosa. Geralmente, são mulheres que não fazem muitas exigências ao cliente e atuam num grau de promiscuidade maior que as das outras escalas. Estão freqüentemente dispostas a praticar o ato sexual não apenas em lugares exclusivos como os hotéis, sendo mais comum o interior dos carros e as áreas mal iluminadas (no caso específico da Quinta da Boa Vista). É nesta escala da prostituição que se encontra o maior número de mães e toxicômonas. A violência quase explícita nestas áreas é um ingrediente que completa o quadro, sendo característica de todos os personagens, sejam as mulheres ou clientes. Em Gaspar (1985), para as garotas de programa todos os clientes deveriam ser muito bem avaliados durante a abordagem, buscando descobrir assim algum sinal que revelasse alguma mania estranha ou a possibilidade de atitudes violentas.

Na análise dos depoimentos das prostitutas do baixo meretrício, os conceitos de Gaspar (1985) sobre os tipos de prostituição foram fundamentais para recortar o grupo a ser estudado. Do mesmo modo, esta pesquisa é sobre as prostitutas do baixo meretrício da cidade de Maringá que freqüentam o espaço da antiga rodoviária municipal, na rua Joubert Carvalho, onde os programas sexuais são realizados nos hotéis localizados das proximidades.

O SOM DO SILÊNCIO

Ao ouvir os relatos das garotas de programa e compartilhar suas histórias pude perceber que a relação sujeito- objeto durante uma pesquisa é muito tênue, no sentido de que não há uma demarcação rígida entre quem é sujeito e quem é “objeto” durante os diálogos com as depoentes. Segundo Ecléa Bosi (1994):

Nesta pesquisa fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças (BOSI, 1994, p.38).

As reflexões de Bosi (1994) me fazem pensar sobre a relação que estabeleci com meu “objeto”: com prostitutas e a maneira pela qual ao indagá-las sobre a vida na prostituição, possibilitei que contassem suas experiências acerca de um universo cercado de preconceitos.

Com relação ao conteúdo das informações obtidas com às prostitutas, embora o quadro teórico não seja a memória e a lembrança, os comentários de Michel Pollack (1989) acerca das

lembranças de uns e outros, existem “zonas de sombra, silêncios, não ditos”(POLLACK, 1989, p.8), se fazem presentes.

Considero que na análise das informações, existe o “dito” e o “não dito” pelas prostitutas, marcando os limites do conhecimento acerca do universo da prostituição, das experiências e vivências da sexualidade pelas prostitutas. Nos depoimentos há o indizível e o dizível, conforme Maria Isaura de Queiroz (1988), para quem essas variáveis compõem os relatos orais, remetendo sempre às escolhas feitas por quem relata suas experiências.

Juntamente com o dito e o não dito, estão os mecanismos de atuação dos discursos, que segundo Foucault, na *História da Sexualidade: a vontade de saber* (1988) funcionam como um entrelaçamento sutil de saberes, prazeres e poderes.

O resultado das entrevistas foram materiais que constituem representações sobre a sexualidade² criadas pelas prostitutas narradoras, construções discursivas sobre o que consideraram relevantes sobre as práticas onde “o sexo selvagem teria direito à algumas formas do real” (FOUCAULT, 1988, p.10). Lembrando que a construção discursiva se caracteriza pelo enunciado de diversos discursos, onde “eles se imiscuem uns nos outros, se confunde de tal modo que podemos chegar a ouvir o mundo como o som produzido por uma fala contínua, constituída pela mutiplicidade de discursos superpostos e entrelaçados” (PORTINARI, 1989, p.28).

Segundo Portinari (1989, p.38) o discurso da homossexualidade feminina somente é reconhecido em si mesmo, através de tramas, imagens e falas dispersas. Queremos apresentar e refletir sobre o discurso da sexualidade, mais precisamente sobre a homossexualidade³ nas práticas sexuais nos programas, expressa nas falas das prostitutas.

Conforme Denise Jodelet (2001, p.21) as representações sociais compõem-se de elementos informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, organizados sempre sob a aparência de um saber que tem algo a dizer sobre a realidade.

As narrativas das prostitutas refletem as representações que informam sobre a experiência da sexualidade na prostituição, isto possibilitou traçar um perfil identitário sexual das prostitutas do baixo meretrício da cidade de Maringá.

ESTUDO DE CASO: PROSTITUIÇÃO E IDENTIDADE SEXUAL.

Os conceitos de identidade são os mais diversos possíveis, indicando um vasto campo de debate. Para os teóricos contemporâneos, um dos principais pressupostos é o fato da identidade não possuir caráter fixo ou permanente, estando em constante (des)construção (HALL, 2005).

A identidade seria constituída e alterada de acordo com os modos pelos quais pessoas são representadas nos seus sistemas culturais (HALL, 2005). Uma das correntes teóricas que mais causou impacto ao conceito de identidade fixa foi o feminismo, “começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero” (HALL, 2005, p.45). As feministas trouxeram uma contribuição decisiva às discussões sobre identidade, ao desconstruir a ideia de identidades fixas das mulheres, questionando a distinção entre “público” e “privado” e na formação das identidades sexuais de gênero (HALL, 2005).

² Sexualidade como “uma elaboração social que opera dentro dos campos do poder, e não simplesmente um conjunto de estímulos biológicos que encontram ou não uma liberação direta”(GIDDENS, 1993, p.33).

³ Homossexualidade é vista aqui como um dado da linguagem (PORTINARI, 1989, p.32).

Novaes em *Jogos de Espelhos* (1993), cita Maria Célia Paoli, assinalando a importância que o movimento feminista teve no debate sobre a identidade:

[...] na medida em que se constituíram como sujeito político, as mulheres foram elaborando uma fala sobre si mesmas, identificando, polemicamente, o que significa o feminino como imagem, mas sobretudo como relações que se formam no interior de uma situação específica de opressão (NOVAES, 1993, p.26).

Este artigo pretende contribuir para a discussão, tendo em vista de que o conhecimento de uma “categoria identificatória não se conforma isoladamente, mas é parte de um caleidoscópio de inúmeros arranjos possíveis, com diversas direções que giram em torno de uma característica central” (ARAÚJO, 1994, p.194). No nosso caso, seriam as práticas homoeróticas entre as garotas de programa e suas clientes.

Refletir sobre a identidade social implica analisar os recursos discursivos colocados em ação pelas integrantes deste grupo, captados através da auto-representação ou auto-imagem como prostitutas que, por sua vez está relacionada:

Em características não fixas, extremamente dinâmicas e multifacetadas, que se transformam, dependendo de quem é o outro que se toma como referência para a constituição da imagem de si e mais, de como as relações com este se transformam ao longo do tempo [...] O conceito de auto-imagem implica, o confronto entre sistemas de valores conflitantes, aos quais se apela para a representação de si, certamente, tanto para uma atuação frente ao outro, como para avaliação desta situação (NOVAES, 1993, p.27).

Em relação a construção de uma identidade de grupo, o elemento que dá sentido à prostituição, diz respeito às práticas sexuais. Para Guacira Louro (2003), enquanto a identidade de gênero liga-se à identificação histórica e social dos sujeitos que se reconhecem como femininos ou masculinos, a identidade sexual está relacionada diretamente à maneira com que os indivíduos experimentam seus desejos corporais, das mais diversas formas: sozinhos/as, com parceiros do mesmo sexo ou não.

Disso resulta que a sexualidade não pode ser concebida como algo ‘dado’ pela natureza, que esteja simplesmente ancorado em um corpo que é vivido da mesma forma em todas épocas e lugares. A sexualidade envolve processos culturais e plurais, como uma invenção social que se constitui historicamente nos inúmeros discursos que regulam e normatizam, produzindo saberes e verdades (LOPONTE, 2002).

Ao analisar a subjetividade das práticas durante o programa sexual, recorro à Moraes (1995), autora que no estudo do baixo meretrício, identificou quatro vertentes na matriz discursiva de anulação do orgasmo das mulheres na prática da prostituição. A primeira delas defende a profissionalização da prostituição, realizando a separação entre trabalho e prazer, profissionalismo e lazer. A segunda vertente justifica a frigidez como expediente necessário, também em defesa ao profissionalismo, negando muitas vezes o prazer sexual dentro e fora da prostituição, “isolando o sexo das dimensões individuais”(MORAES, 1975, p.172). A terceira faceta assume o prazer sexual da prostituta como algo imprevisível no atendimento sexual, o que não reduz o seu grau de profissionalismo. Finalmente a quarta versão defende comportamentos profissionais que vêem a satisfação pessoal como algo fundamental na prática da prostituição.

Para a maioria das depoentes, a defesa da profissionalização da prostituição é constante, para a prostituta é fundamental a separação entre trabalho e lazer, mas se acidentalmente a garota conseguir algum tipo de prazer sexual durante o programa, o que segundo elas é algo raro de

acontecer, torna-se uma compensação. Quando indagadas se há prazer sexual para a prostituta durante o programa elas afirmam:

Acho que é uma compensação... por mais dinheiro que se ganhe a gente não tá ali contente...então tem certos momentos que a gente tem que guardar, tem que preservar, porque é raro acontecer. (Eva)

Vozes surgem para expor as práticas homoeróticas dentro da prostituição masculina, o caso dos travestis e michês, garotos que se prostituem, porém o mesmo não acontece nos estudos sobre a prostituição feminina e as práticas homoeróticas entre prostitutas e clientes femininos, o que pode ser interpretado como uma consequência a simbologia heteronormativa relacionada a figura da prostituta, ou seja, historicamente a garota de programa esteve intimamente ligada a heterossexualidade.

Na pesquisa, as prostitutas questionadas sobre com que tipo de cliente tiveram algum tipo de prazer sexual durante o programa, das cinco entrevistadas, três afirmaram terem tido prazer somente com clientes mulheres, outra afirmou nunca ter tido qualquer tipo de prazer com clientes, independente do sexo. A maioria das entrevistadas prefere fazer programas com mulheres sob o argumento que a mulher é mais atenciosa, mais carinhosa, menos exigente e paga um valor mais alto que os homens:

A mulher é mais sensível, mas atenciosa, mais carinhosa é...que normalmente o homem vem naquelas mesmo de satisfazer o corpo e acabou, e a mulher já tem um outra cabeça.. ..cria-se um vínculo, uma amizade, é... a mulher é mais sensível, tem uma sensualidade diferente...não é aquela coisa animal, bruta, aquela necessidade né, ela.. é mais delicada, mais tranqüila, é bem melhor. (Néia).

É muito diferente do que fazer programa com homem .Talvez por eu gostar mais de mulheres. Tem cara que é estúpido, tem cara que é tipo “pô eu to pagando e você vai ter que fazer isso”, então talvez você levando uma menina a mais, é mais diferente, ali tem uma sensibilidade a mais. (Eva)

Com o cliente pra mim é simplesmente pelo dinheiro, é profissional mesmo, pela grana. E com menina, não companheira é carinho é amizade, é o que rola, é o conhecimento da pessoa...e aí é assim com a gurja já rola uma coisa mais aberta ...é carinho, amizade, conhecimento. (Sara)

Ah é totalmente diferente né, a mulher nossa, sem palavras, ela é bem mais carinhosa, ela conhece cada pontinho do corpo, e o homem já não, ele é bronco, não é a mesma coisa. (Dalila)

O interessante nestes depoimentos é a ligação de feminilidade com sensibilidade, o que acarreta não somente um vínculo afetivo entre prostitutas e as clientes, mas também a valorização das práticas homoeróticas entre elas, o que não acontece com os homens, aqui as garotas de programa raramente conseguem algum tipo de prazer.

Em muitos contextos as trocas de serviços sexuais por dinheiro, por presente ou por favores é um elemento comum na interação sexual, não implicando em uma identidade sexual distinta, enquanto que em outros

contextos, as trocas podem ser organizadas ao redor de uma consciência específica de identidade.[...] e a relação entre comportamento e identidade é tão problemática e tão situacionalmente variável em relação ao trabalho sexual quanto o é em relação às interações entre sujeitos do mesmo sexo (PARKER, 2001, p.135).

Conforme Parker (2001), pode-se afirmar que as prostitutas lésbicas possuem consciência específica de identidade sexual, já que as trocas de serviços sexuais não ocorrem apenas por dinheiro quando se realizam com clientes femininos, mas as trocas permeiam toda uma rede de afetividade e de desejos entre mulheres, seja no programa ou fora dele.

Neste estudo de caso, as práticas homoeróticas, no programa ou fora dele, constituem a possível identidade sexual das prostitutas, pois a construção identitária implica o reconhecimento de uma semelhança em um sistema de diferenças (KOFES, 2001, p.116). As trocas são organizadas em torno de uma identidade homossexual entre as prostitutas, já que além de preferirem fazer programas com mulheres, relacionam-se afetivamente com mulheres, porém esta pesquisa não tem o intuito de criar generalizações. Observando Sandra dos Santos Andrade, “as identidades, assim como o corpo, não são produtos finais, completos ou prontos, ambos são objetos de uma contínua construção que é constituída no interior da representação” (ANDRADE, 2003, p.114).

Discutimos algo pouco dito pela literatura, as práticas homoeróticas entre prostitutas e as clientes, a relação entre mulheres na prostituição. O caráter da “heterossexualidade compulsória”, terminologia esta que segundo Tânia Navarro Swan, em *O que é lesbianismo* (2001), constitui um fenômeno que coloca a heterossexualidade como norma, uma regra universal:

[...]um mecanismo regulador de práticas e definidor de papéis, restritos aos desenhos morfológicos e genitais, isto é, a correspondência exata entre sexo biológico/gênero social que o lesbianismo e a homossexualidade em geral desmentem (SWAIN, 2001,p.77).

Deste modo, as reflexões de Swain (2001) e as representações criadas pelas prostitutas colocam em questão a existência, nas práticas sexuais, de outras formas de relação sexual e prazer que não estão concentradas na heterossexualidade, possibilitando pensar as práticas da construção da identidade sexual e da sexualidade. Rompe-se com a imagem da prostituta como um símbolo da heterossexualidade. As tensões na fisionomia da maioria das prostitutas, no momento da entrevista, revela a dificuldade que possuem em abordar o assunto sexualidade na prática da prostituição, provavelmente por se tratar da intimidade, “é acima de tudo uma questão de comunicação emocional, com outros e consigo mesmo, em um contexto de igualdade interpessoal” (GIDDENS, 1993, p.146).

Os conceitos de Guiddens (1993) sobre intimidade e amor entre mulheres ajudam analisar a escolha por programas sexuais com mulheres pelas prostitutas, já que facultam maior comunicação, amizade e igualdade na relação entre mulheres. Segundo o autor as lésbicas “desmentem a idéia de que a erotização do corpo feminino seja alcançada a custa da sensação genital. Na verdade, elas seguem juntas, algo inteiramente compatível com a influência da sexualidade plástica” (GIDDENS, 1993, p.158).

O estudo da sexualidade plástica desmistifica o caráter falocêntrico, expresso no imaginário social, no que se refere as práticas sexuais, pois no âmbito da sexualidade há uma

gama de possibilidades onde há variáveis sujeições às representações sociais cuja “ realidade vivida por milhões de mulheres cria talvez um contra-imaginário na obscuridade capaz de renovar as representações estereotipadas” (SWAIN, 2000, p.86)

Em relação ao imaginário social, vale ressaltar que está relacionado a uma categoria de discurso na produção de subjetividades, como no caso da homossexualidade feminina, mesmo que seja realizado pelo sujeito (PORTINARI, 1989).

É preciso antes de mais nada, desvincular radicalmente o imaginário do ilusório. O imaginário é tão real quanto se pode esperar que qualquer coisa seja real neste mundo. Isto não significa que ele é o real, mas sim que em função do imaginário se vive e se morre. (PORTINARI, 1989, p. 37)

A preferência por programas sexuais com mulheres feita pela maioria das prostitutas vem ratificar um contra-imaginário e modifica as representações acerca da prostituição feminina e das práticas homoeróticas entre prostituta e cliente, altera a simbologia heteronormativa que marca a figura da garota de programa.

CONCLUSÕES

Analisar a sexualidade e a identidade sexual das prostitutas em seu cotidiano, implicou compreender que na sexualidade estão envolvidos “rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos e convenções... Processos profundamente culturais e plurais” (LOURO, 2001, p.11)

Em relação à vivência da sexualidade pela prostituta, a pesquisa conduziu-me ao universo das práticas sexuais e dos relacionamentos: das prostitutas com os clientes, na versão masculina e feminina. As representações criadas pelas prostitutas, desestabilizam saberes e verdades construídas para aquele mundo, tais como: a idéia de que garota de programa se relaciona somente com homens, desestabiliza a heteronormatividade da figura da prostituta.

E finalmente, em relação á vivência da sexualidade pela prostituta, pode-se identificar a nítida separação entre sexo e afetividade na relação com o cliente, mas que nem sempre ocorre quando estas se relacionam com mulheres durante os programas sexuais. Deste modo, embora haja essa dicotomia entre sexo e sentimentos amorosos na relação com os homens, há também a possibilidade da vivência de certas formas de afetividade, de prazer sexual e intimidade entre as garotas de programa e as mulheres, o que demonstra que a prostituta não é somente uma personificação do sexo, mas um sujeito que possui sensibilidade, desejos e fantasias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.

ALMEIDA, Mariana Caldeira Brandt; DAHER, Frederico. **As características da prostituição feminina na Rua Augusta – São Paulo, SP e sua implicação no turismo.** São Paulo: PUC, 2003. Disponível em: < http://www.puc-campinas.edu.br/pesquisa/i_semana_cientifica/tcc_resumos >. Acesso em 28.10.2004.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia, impressa e educação de corpos femininos. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p.108-123.

ARAÚJO, Marivânia. **Considerações sobre o conceito de identidade social**. Cadernos de metodologia e técnica de pesquisa: Revista anual de metodologia e pesquisa. UEM, 1994.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**, 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARVALHO, Sílvia Barbosa de. **As virtudes do pecado: narrativas de mulheres a “fazer a vida” no centro da cidade**. Rio de Janeiro: Fundação Osvaldo Cruz, dissertação de mestrado, set.2000. <Disponível em http://portaldeseres.cict.fiocruz.br/transf.php?script=thes_cover&id=000037&lng=pt&nrm=isso. > Acesso em 28.10.2004.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo: Brasiliense: Editora USP, 1986.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores. Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa: Prostituição em Copacabana e identidade social**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1985.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**; tradução de Magda Lopes, São Paulo; Editora UNESP, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro,10.ed, Rio de Janeiro: DP&A, 2005

JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Tradução Lílian Ulup. Rio de Janeiro: Eduerj. 2001

KOFES, Suely. **Mulher Mulheres: identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas**. Campinas, Editora da Unicamp, 2001.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino**. Revista. Estudos Feministas, Florianópolis, v.10, n.2, Florianópolis, jul./dez. 2002. Disponível em < www.scielo.br>. Acesso em 24.02.2006.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Guacira Lopes Louro (organizadora): Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu Silva., 2.ed, Belo Horizonte : Autêntica, 2001

MORAES, Aparecida Fonseca. **Mulheres da vila: prostituição, identidade social e movimento associativo**. Petrópolis: Vozes, 1995.

NOVAES, Sylvia Cauby. **Jogos de Espelhos : Imagens de si e através dos outros**. São Paulo: EDUSP. 1993

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Guacira Lopes Louro (organizadora): Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu Silva., 2.ed, Belo Horizonte : Autêntica, 2001

POLLAK, Michael. **Memória esquecimento, silêncio**: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n.2, 1989.

PORTINARI, Denise. **O discurso da homossexualidade feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

QUEIROZ, Maria Isaura de. Relatos Orais: do “indizível” ao “dizível”. In. SIMSON, Olga de Moraes (Org). **Experimentos com História de Vida: Itália – Brasil**. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1988.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SWAIN, Tânia Navarro. **Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica**. Unimontes Científica: Montes Claros, v.6, n.2, julho/dez 2004.

_____. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

SIMILI, Ivana Guilherme. **Memória da prostituição: lembranças da Casa da Antonieta-Assis**. Dissertação de mestrado: Unesp, Assis, 1995.

